

«Modas» de campo das mulheres do Minho

JOSÉ PAULO SILVA

Ana Maria Azevedo, Angélica Lima, Eduarda Coquet, Elvira Lobo, Lídia Máximo, Maria Alexandrina Cardoso e Maria Alice Araújo dão as vozes aos «Cantares das Mulheres do Minho», registo em CD de algumas «modas» de campo ou de trabalho recolhidas em aldeias do Minho.

As sete «Mulheres do Minho» conheceram-se há longos anos no Grupo Folclórico dos Professores de Braga e fizeram quase todas mestrados em literatura e cultura populares. Ana Maria Azevedo, que assina a recolha e a direcção musical de «Cantares das Mulheres do Minho», estudou particularmente estes cantares polifónicos das mulheres minhotas, chegando mesmo a publicar um livro sobre o tema, dado à estampa em Dezembro do ano passado.

O CD recentemente lançado no Museu Nogueira da Silva, em Braga, apresenta-nos cantares pouco conhecidos e mesmo inesperados, sobretudo para aqueles que ao folclore minhoto associam invariavelmente o ritmo e a alegria das chulas, dos viras ou dos malhões. «Estes cantares são arcaicos, lentos, melismáticos, quase sem ritmo. Isso tocou-nos bastante», refere Ana Maria Azevedo, uma lisboeta que quando veio «cá para cima» também só conhecia «aquela música muito marcada e viva».

«Quando comecei a investigação, uma das coisas que mais me impressionou foi ver mulheres já muito idosas e analfabetas serem capazes de can-



Ana Maria Azevedo, directora musical do Grupo de Cantares Tradicionais Mulheres do Minho

tar polifonias a três, quatro, cinco vozes com uma facilidade espantosa. Cantares a que chamavam modas de campo ou de trabalho», conta-nos a directora artística do Grupo de Cantares Tradicionais Mulheres do Minho, que promete não ficar por aqui no que respeita à recuperação de polifonias já caídas em desuso e em risco de desaparecimento.

As modas do CD «Cantares de Mulheres do Minho» fazem parte da recolha efectuada por Ana Maria Azevedo em freguesias dos concelhos de Braga, Vila Verde, Amares, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Ponte da Barca. No passado, foram apresentadas com surpresa em actuações do Grupo Folclórico dos Professores. «Quando as cantávamos em

palco vinham perguntar-nos: vocês têm certeza de que isso é daqui? Não é do Alentejo? Não é de Igreja?». O espanto, afinal, de muitos minhotos que nunca ouviram cantar as modas de campo ou de trabalho, entoadas no antigamente durante as fainas agrícolas ou nas idas e vindas para os locais de trabalho.

Ana Maria Azevedo confessa que a principal razão que presidiu à selecção dos cantares agora gravados foi a de evitar o esquecimento total daquele nosso património musical. O CD ainda não está nos circuitos comerciais, o que poderá vir a acontecer depois de Setembro, quando este trabalho de investigação e recolha musical foi apresentado no Rivoli do Porto.

Ana Maria Azevedo reconhece que «Cantares de Mulheres do Minho» saiu «um pouco à pressão», mas mostra satisfação pelo grande número de pessoas interessadas no conhecimento deste canto polifónico minhoto.

VINTE E DUAS MODAS

O trabalho agora apresentado em Braga reúne 22 «modas». O CD abre com «Atirei c'uma laranja», de Santa Marinha de Oleiros-Covide, a que se seguem «A Laura» (Parada de Gatim), «O meu amor é vaidoso» (Vieira do Minho), S. João antigo (Santa Marinha de Oleiros), «Ó do réu» (Palmeira), «Boiada» (Besteiros), «S' o mar» (Vieira do Minho), Costureira (Parada de Gatim), «Rosinha» (Santa Marinha de Oleiros), «Meu menino» (Besteiros-Covide), «Moda dos enganados» (Goães - Santa Marinha de Oleiros), «Os peixes» (Tebosa), «Maça vermelhinha» (Santa Marinha de Oleiros), «O comboio» (Palmeira, Tebosa, Goães), «Ó Rosa» (Cuíde de Vila Verde), «S. João de Rei» (Seramil), «Agora não há laranjas» (Parada de Gatim), «Ó Palmirinha» (Tebosa), «Debaixo da água» (Santa Marinha de Oleiros), «O vinho» (Parada de Gatim), «Donde vens ó Rosa» (Goães) e «Morangueira» (Cuíde de Vila Verde).

A melodia destas modas «está contida na voz de baixo, que inicia o cantar, e as outras vozes vão entrando de modo pouco rigoroso, com um timbre muito próprio».

Avisa Rodney Gallop que estas são vozes agradáveis para serem ouvidas ao ar livre mas insuportáveis numa sala, tal é a sua intensidade.